## Tu serás um homem, meu filho<sup>1</sup> Um prolongamento da doxa: o paradoxo

Marion Carel\*

#### Resumo

Neste artigo, Marion Carel retorna à sua Teoria dos Blocos Semânticos. ao analisar o comportamento de encadeamentos argumentativos. A gradualidade que fundamenta os elos entre encadeamentos doxais e paradoxais a leva à hipótese de que um mesmo bloco semântico - diferentemente do que era dito anteriormente - realiza--se tanto de modo paradoxal quanto doxal. As formas paradoxais têm com as doxais relações de oposição e relações graduais. Em vista disso, o paradoxo torna-se, não um sistema alternativo de crença, mas um complemento, um desenvolvimento da própria doxa.

Palavras-chave: Bloco semântico. Encadeamento doxal. Encadeamento paradoxal. Gradualidade.

Este artigo se propõe a continuar (retificando-o em um ponto essencial) o estudo dos encadeamentos doxais e paradoxais que havíamos começado, Oswald Ducrot e eu, em um artigo publicado, em 1999, em um número de *Langue Française* organizado por Olga Galatanu e J.-M. Gouvard sobre a semântica dos estereótipos. Como agradecimento – tardio – para essa oportunidade, o presente artigo quer ser uma contraparte.

Oswald Ducrot e eu mostrávamos (e isso nós mantemos) que a oposição entre doxal e paradoxal não diz respeito unicamente à pragmática, mas também à semântica. Lembro, a título de exemplo, que os encadeamentos (1) e (2) – o primeiro doxal, o segundo paradoxal – dão lugar a formas interrogativas com características divergentes:

Data de submissão: abr. 2013 – Data de aceite: ago. 2013 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v9i2.3846

<sup>\*</sup> École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França.

- (1) Pedro tomará o carro se a estrada estiver boa
- (2) Pedro tomará o carro se a estrada estiver ruim

A pergunta (1´) não tem o mesmo sentido que a pergunta (1´´), construída a partir de (1´), substituindo se por até mesmo se:

- (1') Pedro tomará o carro se a estrada estiver boa?
- (1'') Pedro tomará o carro mesmo se a estrada estiver boa?

enquanto (2') e sua contraparte (2'') têm o mesmo sentido:

- (2') Pedro tomará o carro se a estrada estiver ruim?
- (2") Pedro tomará o carro mesmo se a estrada estiver ruim?

Remeto a Ducrot e Carel (1999) para a exposição completa e a explicação desse fenômeno.

Gostaria, neste artigo, de insistir, ao contrário, no parentesco entre (1) e (2), não porque eu questione, repito, as divergências de comportamento que Ducrot e eu observávamos entre os doxais e os paradoxais, mas porque (1) e (2) compartilham igualmente alguma coisa: seus próprios conteúdos são aparentados. Eu me proponho a mostrar isso analisando os fenômenos graduais sobre os quais repousa um poema – ele aparece em negrito no texto que segue – da adaptação que André Maurois fez, no capítulo XIV do *Silences du Colonnel Bramble*, do poema *If* de Kipling:

Se tu podes ver destruída a obra da tua vida,

E sem dizer uma só palavra te pôr a reconstruir,

Ou perder em uma só vez o ganho de cem partidas

Sem um gesto e sem um suspiro Se tu podes ser amante sem estar louco de amor,

Se tu podes ser forte sem deixar de ser terno,

E te sentindo odiado, sem odiar por tua vez,

No entanto lutar e te defender:

Se tu podes suportar ouvir tuas palavras

Disfarçadas por mendigos para excitar tolos,

E ouvir mentir sobre ti suas bocas loucas

Sem mentir tu mesmo uma única palavra

Se tu podes permanecer digno sendo popular,

Se tu podes permanecer povo aconselhando os reis,

Se tu podes amar todos os teus amigos como irmãos,

Sem que nenhum deles seja tudo pra ti;

Se tu sabes meditar, observar e conhecer,

Sem nunca tornar-se cético ou destruidor,

Sonhar, mas sem deixar teu sonho ser teu dono,

Pensar sem ser apenas um pensador;

Se tu podes ser duro sem nunca ficar com raiva. Se tu podes ser bravo e nunca imprudente, Se tu sabes ser bom, se tu sabes ser sábio Sem ser moral nem pedante:

Se tu podes encontrar Triunfo após Derrota E receber esse dois mentirosos com a mesma cara Se tu podes conservar tua coragem e tua cara Quando todos os outros as perderam. Então os Reis, os Deuses, a Sorte e a Vitória Serão para sempre teus escravos submissos, E, o que vale mais do que os Reis e a Glória, Tu serás um homem, meu filho.

Meu artigo terá duas partes, dedicadas, respectivamente, à analise dos dois últimos versos do poema e à dos dois primeiros. Essa desordem formal deve-se às dificuldades que a análise encontra. A gradualidade sobre a qual repousam os dois últimos versos do poema já foi encontrada quando do estudo de outros exemplos e descrita no quadro que é o meu – o da Teoria dos Blocos Semânticos, ao qual eu voltarei: dar conta disso não trará problema novo. Por outro lado, a gradualidade sobre a qual repousam os dois primeiros versos, e que diz respeito aos elos entre doxais e paradoxais, é diferente – isso aparecerá por contraste – e exigirá ser explicado. Isso nos conduzirá à hipótese de que um mesmo bloco semântico, contrariamente ao que eu dizia em meus primeiros artigos, realiza-se de modo paradoxal como de modo doxal, suas formas paradoxais tendo com suas formas doxais relações variadas, de oposição, às vezes, mas igualmente de relações graduais. O paradoxo não é um sistema de crença alternativo, em espelho com aquele ao qual nos habituamos; ele é, antes, um complemento, o desenvolvimento, o último prolongamento.

### Se tu sabes ser bom, se tu sabes ser sábio, sem ser moral nem pedante: a transposição

Esses dois versos colocam logo um problema de interpretação: é preciso compreendê-los como significando se tu sabes ser bom sem ser moral, se tu sabes ser sábio sem ser pedante, ou é preciso compreendê-los como significando se tu sabes ser bom e, além disso, se tu sabes ser sábio sem ser nem moral, nem pedante? Eu me interessarei pela segunda interpretação e me concentrarei no estudo de se tu sabes ser sensato sem ser moral, que eu compreenderei como equivalente de se tu sabes ser sábio sem ser moralizador. A estrutura englobante se tu sabes ser P sem ser Q supõe, de fato, um parentesco semântico entre os adjetivos sábio e moral, que compreendo somente entendendo moralizador por trás de moral. A estrutura englobante significa, então, se tu sabes ser P sem ir até a ser Q e supõe uma relação gradual entre P e Q. É a relação gradual que existe entre sábio e moralizador que me proponho a descrever utilizando as ferramentas da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

#### Os blocos semânticos

Inscrevendo-se, como a Semântica dos Possíveis Argumentativos, construída por Galatanu, no quadro muito geral da teoria da Argumentação na Língua de Anscombre e Ducrot, a TBS dá um papel central, linguisticamente explicativo, aos encadeamentos argumentativos, dentre os quais, ela coloca não somente as sequências de duas proposições gramaticais ligadas por um conector do tipo de portanto, se ou ainda porque (encadeamentos normativos), mas também as sequências de duas proposições gramaticais ligadas por um conector do tipo de no entanto mesmo se, ou ainda apesar de que (encadeamentos transgressivos). Segundo a TBS, cada um dos elementos de sentido comunicado por um enunciado é reformulável por um encadeamento argumentativo; os encadeamentos argumentativos estão na base de todas as construções semânticas.

Esse papel semântico dominante do argumentativo é ganho em detrimento do informativo (qualifica-se, aqui, como "informativo" todo julgamento entendido como possível de ser confrontado com o que é o mundo e, assim, avaliável em termos de verdadeiro e de falso), e isso em um sentido forte: de um lado, acabamos de dizer, nossos enunciados não comunicam julgamento informativo isolado;

mas, sobretudo, é o que vamos ver agora, as argumentações que nossos enunciados comunicam não são elas mesmas constituídas de julgamentos informativos. Em particular, os encadeamentos normativos não refletem raciocínio algum, movimento de pensamento algum, passagem alguma. Tomemos o exemplo de (3):

(3) a criança fez barulho portanto a professora a puniu

Ele compartilha com os encadeamentos (3′) e (3′) uma mesma estrutura, um mesmo esquema semântico, que eu registrarei como BARULHO DC PUNIÇÃO:

- (3`) se a criança fizer muito barulho, o professor a punirá
- (3``) o professor a repreendeu porque ela fazia barulho

Classicamente, esse elemento BARU-LHO DC PUNICÃO é descrito como uma crença que, acrescentando-se ao julgamento informativo que exprimiria o primeiro segmento material de (3), garantiria a verdade do julgamento informativo que exprimiria o segundo segmento. Mas quem manteria essa crença? O próprio locutor pode muito bem não pensar que o barulho deva ser punido. E qual seria esse primeiro elemento informativo [a criança fez barulho] sobre a verdade na qual se fundamentaria o locutor antes de afirmar [a professora o puniu]? Porque o que argumenta em (3) não é o fato de que um movimento da criança produziu uma onda sonora: tais barulhos, cada indivíduo produz, a todo instante, respirando, coçando-se, largando seu lápis, não é isso

que a professora pune. O que ela pune é um barulho errado, um barulho que não deveria ser feito, um barulho que ela tinha proibido, enfim, um barulho que merece punição: o pretendido argumento de (3) não tem outro sentido senão o de conduzir a uma conclusão iá constitutiva de sua significação: o encadeamento normativo (3) constitui um único julgamento: segundo (3), a professora puniu-por-causa-do-barulho da crianca. O elemento BARULHO DC PUNICÃO não representa uma crença, mas um predicado, ligando as palavras a criança e a professora no interior de um julgamento. Esse julgamento não é em si mesmo informativo - porque nada no mundo corresponde a portanto (a causalidade não se observa) - mas, além disso, o predicado argumentativo de (3) constitui um todo, no qual não se pode isolar uma propriedade FAZER BA-RULHO e uma propriedade PUNIR. O predicado BARULHO DC PUNIÇÃO não é informativo e não contém nenhum elemento informativo. A sintaxe complexa de seu nome reflete a dos encadeamentos linguísticos que o mobilizam, não sua natureza semântica. A TBS qualifica esse predicado argumentativo de "aspecto normativo" e, paralelamente, introduz, para descrever os encadeamentos transgressivos, uma noção de "aspecto transgressivo", que se encontraria, por exemplo, em (4):

(4) a criança não fez barulho no entanto a professora a puniu.

Por sua vez, cada encadeamento transgressivo constitui, de fato, um julgamento argumentativo único, ligando os diversos seres de que se trata por meio de um predicado argumentativo. O locutor de (4), contrariamente ao locutor de um mas, não concede o conteúdo de seu primeiro segmento. Ele afirma diretamente uma transgressão: a professora puniu--apesar-da-falta-de-barulho da criança; o locutor de (4) liga criança e professora por meio do predicado NEG BRUIT PT PUNICÃO; seu discurso constitui um julgamento único cujo predicado não é informativo (a transgressão não se observa mais do que a causalidade) e não contém qualquer elemento informativo. Os encadeamentos transgressivos têm a mesma estrutura semântica que os encadeamentos normativos, o que justifica qualificá-los, uns e outros, como encadeamentos argumentativos: cada um constitui um julgamento, ligando diversos seres de que ele fala por meio de um aspecto argumentativo, transgressivo ou normativo.

O paralelo vai mais longe. Vimos que a ocorrência, no interior de (3), do grupo verbal *fazer barulho* não significa uma propriedade independente FAZER BARULHO, mas co-significa, ligada por *portanto* à ocorrência de *punir*, o aspecto normativo BARULHO DC PUNIÇÃO: o barulho é visto aí como devendo ser punido, a punição é vista aí como decorrendo do barulho. Esse mesmo ponto de vista é construído pelo encadeamento normativo (5), já que a criança de (5) não teve

a punição-que-o barulho-acarreta, nem faz-barulho-acarretando-uma-punição:

(5) a criança não fez barulho portanto a professora não a puniu

A TBS dá conta disso, dizendo que os aspectos normativos de (3) e de (5) são duas apreensões de um mesmo "bloco semântico". Ora, acontece o mesmo para os aspectos dos encadeamentos transgressivos (4) e (6):

- (4) a criança não fez barulho no entanto a professora a puniu
- (6) a criança fez barulho no entanto a professora não a puniu

Como a criança de (5), a criança de (4) não fez barulho indevido e como a criança de (3), a criança de (6) fez barulho indevido. Os aspectos transgressivos de (4) e de (6) apreendem o mesmo bloco semântico que os aspectos normativos de (3) e de (5) e constituem, assim, outros modos de expressar esse mesmo bloco.

De maneira geral, a TBS agrupa em famílias os aspectos argumentativos que apreendem um mesmo bloco semântico. Todo aspecto normativo A DC B é assim reagrupado, como, no exemplo anterior, com ao menos três outros aspectos, seu "recíproco", o normativo NEG A DC NEG B, seu "converso" A PT NEG B e seu "transposto" NEG A PT B. Enquanto, de um bloco semântico a outro, os aspectos não são comparáveis de modo preciso (sem relação nem oposição, nem graduais, eles são simplesmente diferentes), no interior de um mesmo bloco semântico, os aspectos mantêm entre si

um parentesco que permite compará-los. Uma relação em particular vai nos ser útil para descrever o texto de Maurois. a que se instaura entre A DC B e NEG A PT B e que chamamos de transposicão. Dois aspectos são transpostos, se verificam as três condições seguintes: (a) eles apreendem um mesmo bloco semântico: (b) um é normativo e o outro é transgressivo; (c) eles se distinguem pela presença – respectivamente, pela ausência – de uma partícula negativa  $(n\tilde{a}o, pouco,...)$ , e isso no interior do primeiro segmento dos encadeamentos que os mobilizam. É o caso dos aspectos NEG BARULHO PT PUNIÇÃO e BA-RULHO DC PUNICÃO: (4) comporta em seu primeiro segmento uma negação ausente do primeiro segmento de (3). A relação de transposição vai nos permitir dar conta dos elos graduais que têm os termos sensato e moralizador (ou, ainda, sensato e pedante), utilizados por Maurois no fragmento se tu sabes ser sensato sem ser moral nem pedante.

### Transposição e relação gradual entre termos do léxico

Todos os julgamentos expressos por nossos enunciados sendo, para nós, argumentativos e assim parafraseáveis por encadeamentos normativos ou transgressivos, a TBS inscreve essas possibilidades de paráfrases na significação dos termos sob a forma de aspectos argumentativos. Assim, a TBS prefigura a possibilidade de parafrasear *a professora foi injusta com a criança* por *a* 

criança não cometeu erro no entanto a professora a puniu, inscrevendo o aspecto mobilizado por esse encadeamento (NEG ERRO PT PUNIÇÃO) no interior da significação de injusta. Do mesmo modo, a TBS prefigura a possibilidade de parafrasear a professora é severa por se há erro, a professora pune o culpado, inscrevendo o aspecto ERRO DC PUNIÇÃO na significação de severa.

Notar-se-á, então, a regularidade da relação linguística que se instaura entre os termos cuja significação contém aspectos transpostos:

> Ela foi severa (ERRO DC PUNI-ÇÃO), talvez mesmo injusta (NEG ERRO PT PUNICÃO)

> Ela é prudente (PERIGO DC NÃO FAZ), talvez mesmo demais (NEG PERIGO PT NÃO FAZ)

> Ela foi econômica (NEG ÚTIL DC NEG DESPESA), e até mesmo avarenta (ÚTIL PT NEG DESPE-SA)

> Ela não é covarde (NEG PERIGO DC FAZ), ela é até mesmo corajosa (PERIGO PT FAZ)

Eu generalizarei isso levantando a hipótese de que a transposição de dois aspectos é uma condição "favorável" — notar-se-á a prudência desse termo — à possibilidade de ligar por *até mesmo* os termos que os exprimem. Não se trata de uma condição necessária para a possibilidade de ligar por *até mesmo* dois termos — isso estará no centro de nossa reflexão sobre os paradoxais na segunda parte deste artigo: há entre *duro* e *en*-

raivecido uma relação gradual (ele era duro e até mesmo enraivecido), sem que esses termos exprimam aspectos transpostos. E também não se trata - isso se torna um pouco preocupante, mas é, acredito, superável - de uma condição suficiente para a possibilidade de até mesmo: a significação do adjetivo justo contém o aspecto NEG ERRO DC NEG PUNICÃO: a significação do adjetivo tolerante contém o aspecto transposto ERRO PT NEG PUNIÇÃO: ora, é impossível dizer \*ele será justo, talvez mesmo tolerante. A transposição dos aspectos expressos constitui somente uma condição "favorável" à possibilidade de até mesmo, condição que resta acrescentar, para que o emprego de até mesmo seja efetivamente possível, a condições gerais de coerência quando dois termos são "acrescentados", sendo associados, por exemplo, por meio de um e ou de um *talvez*: a hipótese de transposição formula somente o que distingue termos relacionáveis por até mesmo e impõe a ordem na qual até mesmo os liga. A impossibilidade de \*ele será justo, talvez até mesmo tolerante se deve ao fato de que a significação de um termo contém vários aspectos argumentativos e que a de justo, se ela contém o aspecto NEG ERRO DC NEG PUNIÇÃO, transposto do aspecto ERRO PT NEG PUNIÇÃO significado por tolerante, contém igualmente o aspecto ERRO DC PUNICÃO que é desta vez oposto - se admitirá aqui - à significação de tolerante. Contrariamente ao ponto de vista clássico, a

possibilidade de até mesmo (grande e até mesmo imenso) não repousa, portanto, para nós, em uma diferença quantitativa entre as medidas (100 m<sup>2</sup> e 150 m<sup>2</sup>) de uma mesma propriedade (a superfície de um apartamento); ela também não repousa, contrariamente desta vez à teoria da Argumentação na Língua, sobre uma diferenca de forca argumentativa no interior de uma mesma escala (imenso não é melhor argumento" do que grande); ela repousa sobre uma diferença de aspecto no interior de um mesmo bloco, ou finalmente uma diferença de sentido. De severo a injusto, de prudente a prudente demais, de econômico a avarento, de não medroso a corajoso, há mudança de sentido; os aspectos expressos são diferentes.

Podemos agora voltar à análise da passagem de Maurois se tu sabes ser bom, se tu sabes ser sensato sem ser moral nem pedante, que eu compreendo, lembro, como comunicando se tu sabes ser sensato sem ir até a ser moralizador (assim se tu sabes ser sensato sem ir até ser pedante). O adjetivo sensato tem numerosos empregos, de Pedro foi sensato como uma imagem a é uma observação sensata, que eu não tentarei aqui unificar. Eu me interessarei somente por aquele que se encontra no poema e que, mantido no emprego substantivo de sensato, significa ser de bom conselho. O enunciado Pedro é sensato é, então, parafraseável por se tu lhe pedes um conselho, Pedro te dirá o que é preciso pensar, para o qual eu inscreverei o aspecto CONSELHO PEDIDO DC DIZ O QUE É PRECISO PENSAR no interior da significação de sensato. Quanto ao moralizador, trata-se de alguém que diz o que é preciso pensar, até mesmo se não lhe é pedido nada: a significação do adjetivo moralizador contém o aspecto NEG CONSELHO PEDIDO PT DIZ O QUE É PRECISO PENSAR, transposto daquele significado por sensato. Há, assim, entre sensato e moralizador a mesma relação que há entre econômico e avarento ou prudente e prudente demais. Essa transposição é responsável pelo sentimento que, segundo o locutor do poema, ser moralizador é um excesso no qual arrisca cair aquele que é sensato. Compreende-se a frase de Maurois se tu sabes ser sensato sem ser moral como a recusa a passar de um termo a seu transposto.

Se tu podes ser duro sem nunca ficar enraivecido, Se tu podes ser bravo e nunca imprudente: um caso de gradualidade entre doxa e paradoxo

O estudo da gradualidade subjacente aos dois primeiros versos do poema que escolhemos vai nos levar à questão do paradoxo e de seu elo semântico com a doxa. Vamos ver de fato que, contrariamente aos aspectos significados pelos termos sensato e moralizador, os aspectos significados por duro e enraivecido não são transpostos. Seu exame mos-

trará que um (*duro*) é doxal, enquanto o outro (enraivecido) é paradoxal. Será o mesmo para os termos *bravo* e *imprudente*. O paradoxo aparecerá, assim, não como um reflexo inverso da doxa, mas como um prolongamento dessa última, seu complemento no interior de um mesmo bloco semântico.

### Se tu podes ser duro sem nunca ser enraivecido

Comecemos estabelecendo o sentido da ocorrência de *duro* que se encontra no texto de Maurois, comparando à que se encontra em *Claude Gueux* quando Hugo descreve, para desconsiderá-lo, o diretor dos ateliês da prisão na qual Claude Gueux está fechado por roubo:

(7) [Era] um homem breve, tirânico, obediente às suas ideias, sempre com rédeas curtas sobre sua autoridade [...] duro mais do que firme: não raciocinando com ninguém, nem consigo mesmo; bom pai, bom marido sem dúvida, o que é dever e não virtude; em um palavra, não malvado, mau. (Hugo, Claude Gueux)

Há, é claro, uma diferença entre o comportamento atribuído por Hugo ao diretor da prisão e o aconselhado por Maurois: o retrato feito por Hugo é o de um tirano; Maurois, ou melhor, o locutor do poema, não aconselha a agir como bruto. Essa divergência não repousa, entretanto, sobre uma divergência de sentido entre os dois empregos de *duro*.

Nos dois casos, ser duro consiste em agir apesar do sofrimento que a ação pode trazer. A diferença se deve ao fato de que, em cada um dos dois textos, *duro* não aparece isolado, mas junto com outro termo.

Assim, a construção *era duro mais* do que firme de Hugo compara duas interpretações de autoridade do diretor dos ateliês sobre os prisioneiros, dois encadeamentos saídos, respectivamente, do adjetivo *duro* e do adjetivo *firme*:

- (7.1) as punições causavam dor aos prisioneiros no entanto o diretor infligia-as a eles
- (7.2) o diretor procurava manter a disciplina portanto ele punia os prisioneiros

O locutor rejeita a interpretação (7.2) das punições do diretor dos ateliês, como destinadas a obter um resultado, para ficar com a interpretação (7.1), e é precisamente esse movimento de re--interpretação que faz parecer tirânico o diretor. No texto de Maurois, por outro lado, a dureza não toma o lugar da firmeza, de modo que o locutor de Maurois, se ele encara a dureza, não aconselha com isso um comportamento brutal. O termo duro é comparado a enraivecido, e o locutor aconselha a seu interlocutor a não deixar a dureza, eventualmente necessária, se transformar em raiva. O emprego de duro tem como sentido o aspecto transgressivo A FAZ SOFRER PT X FAZ A, inscrito na própria significação do adjetivo duro, e esse aspecto substitui o aspecto A FAZ SOFRER DC FAZ A significado por enraivecido. Aí está um aspecto que o termo enraivecido compartilha com o adietivo *cruel*, essas duas expressões distinguindo-se do fato de que enraivecido supõe, além disso, que a pessoa descrita se toma por vítima: a raiva é, como a cólera, uma reação ao sentimento de ter sofrido mau tratamento, e a significação de enraivecido contém, portanto, também PENSA TER SOFRIDO UM MAL DC FAZ SOFRER. O locutor de Maurois não encara esse último aspecto, que poderia constituir uma espécie de desculpa, e condena sem restrição a raiva, para autorizar, e até mesmo pedir, a simples dureza.

Mais precisamente, o verso se tu podes ser duro sem jamais estar enraivecido repousa sobre uma relação gradual entre o aspecto transgressivo A FAZ SOFRER PT X FAZ A, significado por duro, e o aspecto normativo A FAZ SOFRER DC X FAZ A, significado por enraivecido: se é preciso, às vezes, agir apesar dos sofrimentos, essa dureza não deve, entretanto, segundo o locutor do poema de Maurois, conduzir até a agir porque isso faz sofrer. Ora, aí está o cerne de nosso problema, os dois aspectos A FAZ SOFRER PT X FAZ A e A FAZ SOFRER DC X FAZ A significados por duro e enraivecido não são transpostos. Como, então, dar conta daquilo que Maurois adverte como sendo um excesso? Como distinguir a fórmula ser duro sem nunca estar enraivecido da fórmula de Hugo, ser duro ou de preferência firme, que não se fundamenta sobre nenhuma gradualidade?

A análise do segundo verso de nosso poema encontra a mesma dificuldade.

# Se tu podes ser bravo e nunca imprudente

Eu distinguirei duas interpretações desse verso. A primeira dá como sentido aos adietivos suas significações literais e supõe que nenhuma relação gradual é estabelecida entre eles; a segunda supõe, ao contrário, que esse verso, como os outros que estudamos, é fundamentado numa relação gradual e dá, então, um sentido contextual a *imprudente*. Depois de ter exposto a primeira interpretação, é a segunda que eu reterei, não por sua verdade ou seu interesse literário, mas pelas consequências linguísticas de sua possibilidade: ela torna, por sua vez, necessário aparentar e pôr em relação gradual aspectos não transpostos.

Quais são as significações literais de bravo e de imprudente? De modo geral, a significação argumentativa de um termo do léxico contém vários aspectos argumentativos, cuja pluralidade acarreta, não algo vago, ou uma instabilidade semântica dos enunciados nos quais intervém, mas um certo relevo polifônico: os empregos colocam mais ou menos um ou outro dos aspectos significados. Isso tem como consequência que certos termos do léxico compartilham um valor semântico, sem por isso serem sinônimos. Vimos isso para cruel e enraivecido. É, ainda, o caso de bravo e de imprudente, cujas significações compartilham o aspecto transgressivo PERIGO PT FAZ e se distinguem, entretanto, pelo fato de que o bravo age de acordo com o bem (o que não é dito por *imprudente*) e que a imprudência é a fonte possível de consequências indesejáveis (o que desta vez não está no sentido de *bravura*). É o aspecto comum PERIGO PT FAZ que é posto pelo emprego do verbo *desafiar* de *Ultima Verba*:

... Se mesmo / Eles não são mais do que cem, ainda assim eu desafio Sylla (Hugo, Ultima Verba)

ou ainda pelo emprego do adjetivo *im- prudente* em *Uma noite em que se ouvia o mar sem vê-lo*, entendendo-se, não
como a expressão de uma inquietude
pelos pilotos, mas como uma constatação
qualificando o fato de alçar-se ao mar – e
arrancando do locutor uma exclamação:

O vento do mar/ assopra em sua trombeta/ Pilotos imprudentes? (Hugo, Uma noite em que se ouvia o mar sem vê-lo)

É, por outro lado, o aspecto relativo ao bem – sob a versão positiva BEM DC FAZ, ou, mais verdadeiramente, sob a versão negativa MAL DC NEG FAZ – que é colocado nos empregos epítetos do adjetivo *bravo* como o do início da narrativa do *Bom conselho aos amantes*, de Hugo, no qual o ogro, se ele não procura fazer o bem, é, em todo caso, apresentado como não fazendo o mal:

Um bravo ogro dos bosques, nativo da Moscóvia,

Estava muito enamorado de uma fada, e a vontade

Que ele tinha de esposar essa dama cresceu

A ponto de tornar louco esse pobre coração bruto (Hugo, Bon conseil aux amants)

E são inversamente as consequências desagradáveis em que o autor da ação perigosa incorre que são colocadas pelo emprego de *imprudente* logo no início de A pássaros que voaram:

Crianças! – Oh! Voltem! Há pouco, imprudente,

Eu os exilei de meu quarto, repreendendo

(Hugo, A esses pássaros que voaram)

Era ou não fundamentado, então, fazer as crianças irem embora, a ocorrência do termo *imprudente* não diz. Ela não introduz, por outro lado, a ideia de que o locutor pagará essa ação, o que Hugo explicita um pouco mais adiante:

Como se esquece um morto enrolado em seu sudário,

Vocês me deixaram aqui, com os olhos fixos em minha porta, Altivo, grave e punido.

Podemos, agora, voltar aos primeiros versos do poema de Maurois que estamos estudando.

Sob uma primeira interpretação, a estrutura se tu podes ser x e nunca Y não põe em relação gradual X e Y e supõe somente que suas significações compartilham de um elemento, aqui PERIGO PT FAZ. O locutor de se tu podes ser bravo e nunca imprudente admitiria a necessidade de enfrentar o perigo (PE-

RIGO PT FAZ) e prevenirá contra o risco  ${\tt evocado}\ {\tt por}\ imprudente\ ({\tt IMPRUDENTE}$ DC EM DIFICULDADE). Os adietivos bravo e imprudente teriam como sentido sua significação lexical, e a estrutura englobante seria distinta daquela do primeiro verso se tu podes ser X sem nunca ser Y: ela conteria uma simples rejeição, a de IMPRUDENTE DC EM DIFICULDADE, e não a rejeição de um excesso. Mas uma segunda interpretação é possível, na qual a estrutura se tu podes ser X e nunca Y é, dessa vez, assimilada à do primeiro verso se tu podes ser X sem nunca ser Y. Como o locutor de se tu podes ser duro sem nunca estar enraivecido, o locutor de se tu podes ser bravo e nunca imprudente preveniria contra um excesso, o de agir, não mais apesar do perigo, mas por gosto do perigo. O adjetivo imprudente não tem mais, então, como sentido o elemento PERIGO PT FAZ de sua significação literal, mas o aspecto PERIGO DC FAZ.

É essa segunda interpretação que me interessará, porque ela fornece, eu o anunciava, um novo exemplo da necessidade na qual a TBS se encontra, às vezes, de assemelhar segundo uma relação gradual dois aspectos não transpostos. De um lado, de fato, essa interpretação da estrutura englobante se tu podes ser X e nunca Y supõe, acabamos de ver, uma relação gradual entre os aspectos PERIGO PT FAZ e PERIGO DC FAZ, que não são transpostos. Além disso, ela põe em evidência que o adjetivo imprudente, cuja significação literal contém

PERIGO PT FAZ, pode tomar o sentido contextual PERIGO DC FAZ. Ora, não se trata aí de uma imprecisão, como aquela implicada no estudo de se tu sabes ser bom, se tu sabes ser sensato, sem ser moral nem pedante e que tinha levado a interpretar *moral* como *moralizador*. Não se trata, aqui, de dizer que o termo imprudente foi mal escolhido e que teria sido necessário dizer audacioso. O que se observa é que uma ocorrência do termo imprudente - repito, do termo imprudente – pode tomar o sentido PERIGO DC FAZ. Ora, outros adjetivos, tomemos como exemplo severo, até mesmo colocados no mesmo contexto, não poderiam significar PERIGO DC FAZ (de modo que não haveria nenhum sentido em dizer se tu podes ser bravo e nunca severo). É, portanto, forçoso admitir que há certo parentesco entre a significação literal de imprudente (PERIGO PT FAZ) e seu sentido contextual no poema de Maurois (PERIGO DC FAZ), que torna possível a mudança de sentido. É isso o que nos leva à necessidade de aproximar esses dois aspectos.

#### Os blocos semânticos estruturais

Eu me proponho, nesta última seção, a voltar aos diversos modos como um bloco semântico pode ser apreendido sob a forma de um aspecto argumentativo. Eu me limitarei só ao caso que interessa à interpretação do poema de Maurois, aquele em que certos aspectos do bloco semântico são "doxais" e a respeito do qual eu falarei de "bloco estrutural": a

seção 2.3.1 definirá a noção de aspecto doxal, e a seção 2.3.2 desenvolverá a de bloco estrutural. Sendo assim limitado o alcance de meu propósito, eu me proponho a mostrar que os blocos estruturais dão lugar, não a quatro aspectos, como eu sempre disse até aqui, mas a oito: quatro aspectos doxais e quatro aspectos paradoxais.

## Aspectos doxais e aspectos paradoxais

Relembro que Ducrot e eu (Carel e Ducrot, 1999) demos uma definição linguística, e não social, às noções de aspecto doxal e de aspecto paradoxal, noções que construímos a partir das de encadeamento doxal e de encadeamento paradoxal. Um encadeamento é dito "doxal", se ele está relacionado a um aspecto argumentativo inscrito na significação de um de seus segmentos. Como, então, acontece o mesmo com todos os encadeamentos relacionados ao mesmo aspecto, o aspecto é ele próprio dito "doxal". Assim, o encadeamento (8) isso faz sofrer, portanto eu não vou fazer isso está relacionado a um aspecto A FAZ SOFRER DC NEG X FAZ A, que pertence à significação do segmento isso faz sofrer: isso faz parte da própria significação de sofrer, que se trata de alguma coisa a ser evitada. O encadeamento (8) e, além dele, seu aspecto A FAZ SOFRER DC NEG X FAZ A são doxais. Do mesmo modo, o encadeamento (9) isso faz sofrer no entanto vou fazer isso (transgressivo mas não paradoxal,

duas propriedades que nós distinguimos fundamentalmente) relaciona-se a um aspecto, A FAZ SOFRER PT X FAZ A. que pertence à significação do segmento isso faz sofrer. O sofrimento que, no entanto não se evitará, continua sendo sofrimento, até mesmo se tratando de um sofrimento menos forte do que aquele descrito por (8): é a ele que faz alusão, negativamente, por exemplo, o locutor de A faz sofrer demais, segundo o qual o sofrimento que A traz não é daqueles que, fracos, permitiriam mesmo assim fazer A. Esse enfraquecimento de sofrer é prefigurado na significação de sofrer de modo que o encadeamento transgressivo (9) e seu aspecto A FAZ SOFRER PT X FAZ A são doxais, do mesmo modo que o encadeamento normativo (8) e seu aspecto A FAZ SOFRER DC NEG X FAZ A.

Por outro lado, o encadeamento (10) isso faz sofrer portanto vou fazer isso relaciona-se com o aspecto A FAZ SOFRER DC X FAZ A, que, mesmo se é lexicalizado em cruel ou enraivecido, não é lexicalizado em isso faz sofrer. O encadeamento (10) não é, portanto, doxal, tampouco o aspecto com o qual está relacionado. Insisto nessa diferença entre (9) e (10):

- (8) isso faz sofrer portanto eu não vou fazer isso
- (9) isso faz sofrer no entanto eu vou fazer isso
- (10) isso faz sofrer portanto eu vou fazer isso

Banalizando a finalização de isso faz sofrer portanto por eu não vou mais fazer

isso, a língua banaliza, ao mesmo tempo, finalização de isso faz sofrer no entanto por eu vou fazer isso. (8) sendo doxal. (9) o é inevitavelmente – do que se tenta às vezes dar conta dizendo que (9) "concede" (8). Dá-se o mesmo com (10). Dessa vez, a banalização da finalização de isso faz sofrer portanto, por eu não vou fazer isso opõe-se ao encadeamento de isso faz sofrer portanto por eu vou fazer isso. O aspecto mobilizado por (10), A FAZ SO-FRER DC X FAZ A, não é lexicalizado em fazer sofrer, cuja significação contém somente a A FAZ SOFRER DC NEG X FAZ A e A FAZ SOFRER PT X FAZ A. Não doxal pelo próprio fato da doxalidade de (8), (10), bem como o aspecto com o qual ele se relaciona, serão ditos "paradoxais".

Notemos, ainda, para terminar, que certos aspectos não são nem doxais, nem paradoxais. Acontece o mesmo com o aspecto COMER UM FILÉ DC ESTAR CONTENTE mobilizado por *Pedro comeu um filé*, portanto está contente, que não pertence à significação de comer um filé, e não é, portanto, doxal. Ele também não é paradoxal porque COMER UM FILÉ DC NÃO ESTAR CONTENTE também à significação de não pertence à significação de comer um bife. Diremos que ele é "contextual".

Assim, os aspectos argumentativos podem ser divididos em três grupos, aqueles que são doxais, aqueles que são paradoxais e aqueles que são contextuais. As duas duplas de aspectos que nos interessam, A FAZ SOFRER PT X FAZ A e A FAZ SOFRER DC X FAZ A, de um

lado, e PERIGO PT FAZ e PERIGO DC FAZ, de outro lado, são cada uma constituídas de um aspecto transgressivo doxal e de um aspecto normativo paradoxal. Essa única característica, notemos, não basta, entretanto, para explicar a relação gradual que se instaura entre os dois aspectos de cada dupla. Assim. o adjetivo inteligente, como o adjetivo duro, significa um transgressivo doxal (DIFÍCIL PT COMPREENDE): o termo arrojado, como o termo enraivecido, significa um normativo paradoxal (PERIGO DC FAZ); ora, nenhuma relação gradual se instaura entre inteligente e arrojado (\*foi inteligente sem ir até ser arrojado). A possibilidade de *ele foi duro sem ir* até ficar enraivecido encontra-se numa propriedade suplementar dos aspectos significados por duro e enraivecido: eles apreendem, vamos ver, o mesmo bloco semântico.

#### Os blocos semânticos estruturais

Eu diria que um bloco semântico é "estrutural" se pelo menos um dos aspectos que o apreendem é doxal. A tese deste artigo é que os blocos estruturais dão lugar a quatro aspectos doxais e a quatro aspectos paradoxais.

Em meu artigo de 1999 com Oswald Ducrot, como também em meu livro (CAREL, 2011), assimilei sempre duas questões, a da doxalidade e a do pertencimento a um bloco semântico, de modo que a simples paradoxalidade de (10) me levava a dizer que o aspecto que ele mobiliza não apreendia o mes-

mo bloco que aquele mobilizado por (8). Isso era, penso agora, um erro. A não inscrição de A FAZ SOFRER DC X FAZ A na significação de sofrer, isto é, a não lexicalização de A FAZ SOFRER DC X FAZ A e A FAZ SOFRER DC NEG X FAZ A, na significação de um mesmo termo, não implica que esses dois aspectos não apreendam o mesmo bloco. É claro, (10) é oposto a (8), de modo que (10), acabamos de ver, não é prefigurado na significação de isso faz sofrer. Mas não significa, por isso, que o bloco realizado por (10) seja diferente daquele realizado por (8). Bem ao contrário, a oposição de (10) e de (8) é sinal de que esses dois encadeamentos provêm de um mesmo bloco semântico. O sofrimento de que se trata em (10). aquele em que o locutor de (10) nega que tenha as consequências que (8) lhe atribui, aquele ao qual o locutor de (10) dá consequências contrárias àquelas previstas por (8), esse sofrimento é aquele de que se trata em (8). Senão, como mostra o exemplo de (11), e o de (12) que segue, (10) não se oporia a (8):

(11) é tarde, portanto Pedro está aí.
(12) é tarde portanto Pedro não está aí.

De fato, do ponto de vista sintático, (12) é construído a partir de (11) assim como (10) é construído a partir de (8). Ora, (12) não se opõe a (11), e nenhum dos dois é paradoxal. Por quê? Minha resposta é que (11) e (12) não provêm do mesmo bloco semântico. (11) faz alusão ao escoamento do Tempo que Traz, e o *está aí* de Pedro é uma chegada; (12) faz, por outro lado, alusão do Tempo que Leva, e

o estar  $l\acute{a}$  de Pedro, aquele que o locutor de (12) nega, é uma não partida (Pedro, segundo (12), partiu). O aspecto de (12) não aprende o mesmo bloco que o de (11) e, simplesmente diferentes, esses dois aspectos não são opostos. Ao inverso, (8) e (10) apreendem o mesmo bloco e são portanto opostos.

Eu generalizarei essas observações e direi que os blocos estruturais são realizados ao mesmo tempo por aspectos doxais e aspectos paradoxais. De um lado, vimos na seção 1.1, que o bloco ao qual pertence um aspecto qualquer ADC B é realizado, igualmente, pelo recíproco (NEG ADC NEG B), pelo converso (APT NEG B) e pelo transposto (NEG A PT B) de ADC B. Mas, por outro lado, quando A DC B é doxal, o bloco é igualmente realizado pelo paradoxal associado A DC NEG B, assim como pelo recíproco (NEG A DC B), pelo converso (A PT B) e pelo transposto (NEG A PT NEG B) desse último. Os blocos estruturais são constituídos por oito aspectos, quatro doxais e quatro paradoxais.

Um último passo, porque essa apresentação dos blocos estruturais em quatro doxais e quatro paradoxais está ainda muito próxima do ponto de vista clássico que Ducrot e eu tínhamos sobre o paradoxo e que nos conduzia a compreender como um reflexo da doxa no interior de outro bloco semântico. Ora, se os quatro paradoxais mantêm entre eles as relações que mantêm os quatro doxais (o que dá o sentimento de que o paradoxo reflete a doxa), por outro lado, o grupo dos paradoxais não é globalmente o inverso do grupo dos doxais. Há, certamente, elos de oposição entre certos aspectos paradoxais e certos aspectos doxais, mas há igualmente elos graduais entre esses mesmos aspectos paradoxais e outros doxais. Retomemos o exemplo do aspecto paradoxal A FAZ DOER DC X FAZ A (cruel). Ele é, certamente, oposto pela própria língua ao aspecto doxal A FAZ DOER DC NEG X FAZ A, como mostra o fato de que a negação par não do adjetivo cruel é parafraseável em (13) por um encadeamento que mobiliza A FAZ DOER DC NEG X FAZ A:

- Isso me causava dor, era horrível.
- E o que o dentista fez, então?
- (13) Ele n\u00e3o \u00e9 cruel; estava me doendo, ent\u00e3o ele parou.

Mas o aspecto paradoxal A FAZ DOER DC X FAZ A é, de igual forma, gradualmente mais forte do que o aspecto doxal A FAZ DOER PT X FAZ A (não atencioso), como mostra a possibilidade de *ele não é atencioso*, *ele é até mesmo cruel* (eu utilizo aqui *atencioso* por comodidade, com o sentido de *preocupado com não fazer sofrer*).

Os oito aspectos de um bloco estrutural não devem, portanto, ser divididos em dois planos globalmente inversos, o da doxa e o do paradoxo. Os oito aspectos constituem uma estrutura complexa que liga diversamente os quatro aspectos paradoxais aos quatro aspectos doxais. Os dois primeiros versos do poema de Maurois que estudamos são um exemplo disso:

Se tu podes ser duro sem nunca te enraivecer,

Se tu podes ser bravo e nunca imprudente,

Se tu sabes ser bom, se tu sabes ser sensato.

Sem ser moral nem pedante;

Apreendendo um mesmo bloco semântico, os aspectos A FAZ X SOFRER PT X FAZ A (duro) e A FAZ SOFRER DC X FAZ A (enraivecido) estão em relação gradual, como estão, no interior de outro bloco semântico, os aspectos PERIGO PT FAZ (bravo) e PERIGO DC FAZ (imprudente).

#### Conclusão

Concluirei esta homenagem, à qual Oswald Ducrot deseja associar-se, a nossa amiga Olga Galatanu, lembrando os dois pontos principais que desenvolvi.

Inicialmente, uma observação fundamentada na observação textual, sobretudo, na análise da adaptação por Maurois de um poema de Kipling. Percebi que, contrariamente ao que eu tinha dado a entender outrora, a gradualidade semântica não se deixa sempre descrever por aquilo que a TBS chama de transposição, que é uma das relações formais que se definem no interior desses grupos de quatro aspectos que eu chamava de "blocos semânticos". Há, também, uma gradualidade fundamentada na justaposição de um aspecto doxal e de um aspecto paradoxal.

Essa observação me levou – e esse é o segundo ponto que quero enfatizar – a remanejar o próprio conceito de bloco semântico. O par de aspectos cuja gradualidade se fundamenta na oposição entre o doxal e o paradoxal deve, de fato, ser integrado ao mesmo bloco, em razão da proximidade semântica dos encadeamentos que concretizam esses aspectos. É necessário, portanto, repensar uma decisão teórica que tinha me parecido

evidente, aquela que impunha a cada bloco ser ou doxal, ou paradoxal, isto é, não conter nunca, ao mesmo tempo, um aspecto de um tipo e um aspecto do outro. Esse questionamento leva a modificar o número que eu atribuía, até aqui, aos blocos semânticos, que podem, a partir de agora, ser apreendidos, não por quatro, mas por oito aspectos.

Na sequência desse remanejo, pelo menos dois problemas teóricos se colocam, que eu me contento com indicar aqui. De um lado, deve-se dizer que todos os blocos contêm ao mesmo tempo um aspecto A DC B e um aspecto A DC NEG B, e deve-se, portanto, abandonar completamente a visão quadripartida dos blocos semânticos, ou é preciso mantê-la parcialmente? De outro lado, quais são as relações que estruturam os blocos em oito aspectos? Será necessário ir além das três relações fundamentais (reciprocidade, conversão e transposição) sobre os quais eu fundamentava até aqui as análises textuais. Elas serão certamente complicadas. Eu prefiro que elas sejam enriquecidas.

"Tu seras un homme, mon fils" Un prolongement de la doxa: le paradoxe

#### Résumé

Dans cet article, Marion Carel reprend sa Théorie des Blocs Sémantique en analysant le comportement des enchaînements argumentatifs. La gradualité qui soutient les liens entre les enchaînements doxaux et les enchaînements paradoxaux la conduit à l'hypothèse de ce qu'un même bloc

sémantique – différemment de ce qui était dit auparavant – se réalise aussi bien d'une manière paradoxale que doxale. En vue de cela, le paradoxe devient non un système de croyance alternatif, mais um complément, un développement de la doxa elle-même.

Mots-clés: Bloc sémantique. Enchaînement doxal. Enchaînement paradoxal. Gradualité.

#### Nota

Artigo traduzido por Leci Borges Barbisan – PUCRS, Porto Alegre, RS.

#### Referências

ANCOMBRE, J-Cl.; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. Bruxelles: Mardaga, 1983.

CAREL, M. L'entrelacement argumentatif. Paris: H. Champion, 2011.

CAREL, M.; DUCROT, O. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. *Langue Française*, n. 123, p. 6-26, 1999.

DUCROT, O. Les échelles argumentatives. Paris: Editions de Minuit, 1980.

DUCROT, O.; CAREL, M. Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation. *Langue Française*, n. 123, p. 27-40,1999.

FAUCONNIER, G. Remarques sur la théorie des phénomènes scalaires. *Semantikos*, v. 1, n. 3, p. 13-36, 1976.

KAY, P. Even. Linguistics and philosophy, n. 13, p. 59-111, 1990.

GALATANU, O. Le phénomène sémanticodiscursif de déconstruction-reconstruction des topoi dans une sémantique argumentative intégrée. *Langue Française*, n. 123, p. 41-51, 1999.